

MIA COUTO

Antes de nascer o mundo

8ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Mia Couto e Editorial Caminho, SA, Lisboa

A Editora optou por manter a grafia do português de Moçambique

Capa

Alceu Chierosin Nunes

Ilustração de capa

Angelo Abu

Revisão

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Mia

Antes de nascer o mundo / Mia Couto. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2805-1

1. Ficção moçambicana (Português) I. Título.

09-04410

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura moçambicana em português

869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Toda a história do mundo não é mais
que um livro de imagens reflectindo
o mais violento e mais cego
dos desejos humanos: o desejo de esquecer.*

Hermann Hesse, *Viagem pelo Oriente*

Índice

LIVRO UM — A HUMANIDADE

Eu, Mwanito, o afinador de silêncios	11
Meu pai, Silvestre Vitalício	29
Meu irmão, Ntunzi	53
O Tio Aproximado	69
Zacaria Kalash, o militar	83
A jumenta Jezibela	99

LIVRO DOIS — A VISITA

A aparição	115
Os papéis da mulher	131
Ordem de expulsão	143
Segundos papéis	163
A loucura	179
Ordem para matar	193

LIVRO TRÊS — REVELAÇÕES E REGRESSOS

A despedida	209
Uma bala vem à baila	227
A árvore imóvel	239
O livro	251

Livro um

A HUMANIDADE

*Sou o único homem a bordo do meu barco.
Os outros são monstros que não falam,
Tigres e ursos que amarrei aos remos,
E o meu desprezo reina sobre o mar.*

[...]

*E há momentos que são quase esquecimento
Numa doçura imensa de regresso.*

*A minha pátria é onde o vento passa,
A minha amada é onde os roseirais dão flor,
O meu desejo é o rastro que ficou das aves,
E nunca acordo deste sonho e nunca durmo.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Eu, Mwanito, o afinador de silêncios

*Escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio
Ou deus.
[...]*

Sophia de Mello Breyner Andre-
sen

A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas. Eu vivia num ermo habitado apenas por cinco homens. Meu pai dera um nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: “Jesusalém”. Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descruificar. E pronto, final.

Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que ele vagamente designava por “L a d o - d e - -Lá”. Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto.

Em contrapartida, em Jesusalém, não havia senão vivos. Desconhecedores do que fosse saudade ou esperança, mas gente vivente. Ali existíamos tão sós

que nem doença sofríamos e eu acreditava que éramos imortais. À nossa volta, apenas os bichos e as plantas morriam. E, nas estiagens, desfalecia de mentira o nosso rio sem nome, um riacho que corria nas traseiras do acampamento.

A humanidade era eu, meu pai, meu irmão Ntunzi e Zacaria Kalash, nosso serviçal que, conforme verão, nem presença tinha. E mais nenhum ninguém. Ou quase nenhum. Para dizer a verdade, esqueci-me de dois semi-habitantes: a jumenta Jezibela, tão humana que afogava os devaneios sexuais de meu velho pai. E também não referi o meu Tio Aproximado. Esse parente vale uma menção: porque ele não vivia conosco no acampamento. Morava junto ao portão de entrada da coutada, para além da permissível distância, e apenas nos visitava de quando em quando. Entre nós e a sua cabana ficava a lonjura de horas e feras.

Para nós, os miúdos, a chegada de Aproximado era razão de festa maior, uma sacudidela na nossa árida monotonia. O Tio trazia mantimentos, roupas, bens de necessidade. Meu pai, nervoso, saía ao encontro do camião onde se amontoavam as encomendas. Interceptava o visitante antes que o veículo invadisse a vedação que circundava o casario. Nessa cerca, Aproximado era forçado a lavar-se para não trazer contaminações da cidade. Lavava-se com terra e com água, fizesse frio ou fizesse noite. Depois do banho, Silvestre desbagageava o camião, apressando as entregas, abreviando as despedidas. Num volátil instante, mais breve que um bater de asas, ante o nosso olhar angus-

tiado, Aproximado voltava a extinguir-se para além do horizonte.

— *Ele não é um irmão directo* — justificava Silvestre. — *Não quero muita conversa, esse homem não conhece os nossos costumes.*

Essa humanidadezita, unida como os cinco dedos, estava afinal dividida: meu pai, o Tio e Zacaria tinham pele escura; eu e Ntunzi éramos igualmente negros, mas de pele mais clara.

— *Somos de outra raça?* — perguntei um dia. Meu pai respondeu:

— *Ninguém é de uma raça. As raças* — disse ele — *são fardas que vestimos.*

Talvez Silvestre tivesse razão. Mas eu aprendi, tarde demais, que essa farda se cola, às vezes, à alma dos homens.

— *Vem de sua mãe, Dordalma, essa claridade da pele. Alminha era um bocadinho mulata* — esclareceu o Tio.

* * *

A família, a escola, os outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar. Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim, porque não há um único

silêncio. E todo o silêncio é música em estado de gravidez.

Quando me viam, parado e recatado, no meu invisível recanto, eu não estava pasmado. Estava desempenhado, de alma e corpo ocupados: tecia os delicados fios com que se fabrica a quietude. Eu era um afinador de silêncios.

— *Venha, meu filho, venha ajudar-me a ficar calado.*

Ao fim do dia, o velho se recostava na cadeira da varanda. E era assim todas as noites: me sentava a seus pés, olhando as estrelas no alto do escuro. Meu pai fechava os olhos, a cabeça meneando para cá e para lá, como se um compasso guiasse aquele sossego. Depois, ele inspirava fundo e dizia:

— *Este é o silêncio mais bonito que escutei até hoje. Lhe agradeço, Mwanito.*

Ficar devidamente calado requer anos de prática. Em mim, era um dom natural, herança de algum antepassado. Talvez fosse legado de minha mãe, Dona Dordalma, quem podia ter a certeza? De tão calada, ela deixara de existir e nem se notara que já não vivia entre nós, os vigentes vivos.

— *Você sabe, filho: há a calmaria dos cemitérios. Mas o sossego desta varanda é diferente.*

Meu pai. A voz dele era tão discreta que parecia apenas uma outra variedade de silêncio. Tossicava e a tosse rouca dele, essa, era uma oculta fala, sem palavras nem gramática.

Ao longe, se entrevia, na janela da casa anexa, uma

bruxuleante lamparina. Por certo, meu irmão nos espreitava. Uma culpa me raspava o peito: eu era o escolhido, o único a partilhar proximidades com o nosso eterno progenitor.

— *Não chamamos o Ntunzi?*

— *Deixe o seu irmão. É consigo que mais gosto de ficar sozinho.*

— *Mas estou quase a ter sono, pai.*

— *Fique só mais um pouco. É que são raivas, tantas raivas acumuladas. Eu preciso afogar essas raivas e não tenho peito para tanto.*

— *Que raivas são essas, meu pai?*

— *Durante muitos anos alimentei feras pensando que eram animais de estimação.*

Queixava-me eu do sono, mas era ele quem adormecia. Deixava-o cabeceando na cadeira e regressava para o quarto onde Ntunzi, desperto, me esperava. O meu irmão me olhava com mistura de inveja e comiseiração:

— *Outra vez essa treta do silêncio?*

— *Não diga isso, Ntunzi.*

— *Esse velho enlouqueceu. E o pior é que o gajo não gosta de mim.*

— *Gosta.*

— *Por que nunca me chama a mim?*

— *Ele diz que sou um afinador de silêncios.*

— *E você acredita? Não vê que é uma grande mentira?*

— *Não sei, mano, que hei-de fazer se ele gosta que eu fique ali, todo caladito?*

— *Você não percebe que isso é tudo conversa? A verdade é que você lhe traz lembranças da nossa falecida mãe.*

Mil vezes Ntunzi me fez recordar o motivo por que meu pai me elegera como predilecto. A razão desse favoritismo sucedera num único instante: no funeral da nossa mãe, Silvestre não sabia estrear a viuvez e se afastou para um recanto para se derramar em pranto. Foi então que me acerquei de meu pai e ele se ajoelhou para enfrentar a pequenez dos meus três anos. Ergui os braços e, em vez de lhe limpar o rosto, coloquei as minhas pequenas mãos sobre os seus ouvidos. Como se quisesse convertê-lo em ilha e o alonjasse de tudo que tivesse voz. Silvestre fechou os olhos nesse recinto sem eco: e viu que Dordalma não tinha morrido. O braço, cego, estendeu-se na penumbra:

— *Alminha!*

E nunca mais ele proferiu o nome dela. Nem evocou lembrança do tempo em que tinha sido marido. Queria tudo isso calado, sepultado em esquecimento.

— *E você me ajude, meu filho.*

Para Silvestre Vitalício, a minha vocação estava definida: tomar conta dessa insanável ausência, pastorear demónios que lhe abocanhavam o sono. Certa vez, enquanto partilhávamos sossegos, arrisquei:

— *Ntunzi diz que lhe faço lembrar a mãe. É verdade, pai?*

— *É o contrário, você me afasta das lembranças. Esse Ntunzi é que me traz espinhos do antigamente.*

— *Sabe, pai? Ontem sonhei com a mãe.*

— *Como pode sonhar com alguém que nunca conheceu?*

— *Eu conheci, só não me lembro.*

— *É a mesma coisa.*

— *Mas recordo a voz dela.*

— *Qual voz dela? Dordalma quase nunca falava.*

— *Recordo um sossego que parece, sei lá, parece água. Às vezes penso que me lembro da casa, o grande sossego da casa...*

— *E Ntunzi?*

— *Ntunzi o quê, pai?*

— *Ele insiste que se recorda da mãe?*

— *Não há dia em que ele não se recorde dela.*

Meu pai nada respondeu. Ruminou um novelo de resmungos e, depois, com voz rouca de quem foi ao fundo da alma, afirmou:

— *Vou dizer uma coisa, nunca mais vou repetir: vocês não podem lembrar nem sonhar nada, meus filhos.*

— *Mas eu sonho, pai. E Ntunzi se lembra de tanta coisa.*

— *É tudo mentira. O que vocês sonham fui eu que criei nas vossas cabeças. Entendem?*

— *Entendo, pai.*

— *E o que vocês lembram sou eu que acendo nas vossas cabeças.*

O sonho é uma conversa com os mortos, uma viagem ao país das almas. Mas já não havia nem falecidos nem território das almas. O mundo tinha terminado e o seu final era um desfecho absoluto: a morte sem mortos. O

país dos defuntos estava anulado, o reino dos deuses cancelado. Foi assim que, de uma assentada, meu pai falou. Até hoje essa explanação de Silvestre Vitalício me parece lúgubre e confusa. Porém, naquele momento, ele foi peremptório:

— *É por isso que vocês não podem nem sonhar nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro.*

— *Mas, pai, o senhor não tem memória da nossa mãe?*

— *Nem dela, nem da casa, nem de nada. Já não me lembro de nada.*

E ele se ergueu, rangente, para esquentar o café. Os passos eram de embondeiro que vai arrancando as próprias raízes. Olhou o fogo, fez de conta que se mirava num espelho, fechou os olhos e aspirou os perfumosos vapores da cafeteira. Ainda de olhos fechados, sussurrou:

— *Vou dizer um pecado: deixei de rezar quando você nasceu.*

— *Não diga isso, meu pai.*

— *Estou-lhe a dizer.*

Uns têm filhos para ficarem mais perto de Deus. Ele se convertera em Deus desde que era meu pai. Assim falou Silvestre Vitalício. E prosseguiu: os falsos tristes, os maus solitários acreditam que os lamentos sobem às alturas.

— *Mas Deus está surdo* — disse.

Fez uma pausa para erguer a chávena e saborear o café e, depois, rematou:

— *Mesmo que não estivesse surdo: que palavra há para falar a Deus?*

Em Jerusalém, não havia igreja de pedra ou cruz. Era no meu silêncio que meu pai fazia catedral. Era ali que ele aguardava o regresso de Deus.

* * *

Na verdade, não nasci em Jerusalém. Sou, digamos, emigrante de um lugar sem nome, sem geografia, sem história. Assim que minha mãe morreu, tinha eu três anos, meu pai pegou em mim e no meu irmão mais velho e abandonou a cidade. Atravessou florestas, rios e desertos até chegar a um sítio que ele adivinhava ser o mais inacessível. Nessa odisseia cruzámos com milhares de pessoas que seguiam em rumo inverso: fugindo do campo para a cidade, escapando da guerra rural para se abrigarem na miséria urbana. As pessoas estranhavam: por que motivo a nossa família se embrenhava no interior, onde a nação estava ardendo?

À frente, enfiado no banco dianteiro, seguia meu pai. Parecia enjoado, talvez ele tivesse assumido que viajava mais num barco que numa viatura. — *Isto aqui é a Arca de Noé motorizada* — proclamou quando ainda tomávamos lugar na velha carripana.

Junto connosco, nas traseiras da camioneta, viajava Zacaria Kalash, o antigo militar que apoiava meu velho pai nos afazeres diários.

— *Mas vamos aonde?* — meu irmão perguntou.

— *Apartir de agora deixou de haver aonde* — sentenciou Silvestre.

No final dessa longa viagem, instalámo-nos numa coutada havia muito deserta, fazendo abrigo num abandonado acampamento de caçadores. Em redor, a guerra tornara tudo vazio, sem sombra de humanidade. Até os animais eram escassos. Abundava apenas o bravio mato onde, desde havia muito, nenhuma estrada se desenhava.

Nos escombros do acampamento nos instalámos. Meu pai, na ruína central; eu e Ntunzi, numa casa anexa. Zacaria se arrumou num velho armazém, localizado nas traseiras. A antiga casa da administração ficou desocupada.

— *Essa casa* — disse o pai — *é habitada por sombras e governada por lembranças.*

Depois, ordenou:

— *Ali ninguém entra!*

Os trabalhos de restauro foram mínimos. Silvestre não queria desrespeitar aquilo que ele chamava de “obras do tempo”. De um único labor ele se ocupou: à entrada do acampamento havia uma pequena praceta com um mastro onde, antes, se hasteavam bandeiras. Meu pai fez do mastro um suporte para um gigantesco crucifixo. Por cima da cabeça de Cristo ele fixou uma tabuleta onde se podia ler: “Seja bem-vindo, Senhor Deus”. Esta era a sua crença:

— *Um dia, Deus nos virá pedir desculpa.*

O Tio e o ajudante se benziavam, atabalhoadamente, para esconjurar a heresia. Nós sorríamos confiantes:

alguma protecção divina deveríamos usufruir para nunca sofrermos de enfermidade, mordedura de cobra ou emboscada de bicho.

* * *

Vezes sem conta perguntávamos: por que estávamos ali, longe de tudo e de todos? Meu pai respondia:

— *O mundo acabou, meus filhos. Apenas resta Jerusalém.*

Eu era crente das palavras paternas. Ntunzi, porém, considerava tudo aquilo um delírio. Inconformado, voltava a indagar:

— *E não há mais ninguém no mundo?*

Silvestre Vitalício inspirava como se a resposta pedisse muito peito e, fazendo soltar um demorado suspiro, murmurava:

— *Somos os últimos.*

Diligencioso, Vitalício se ocupava em nos criar, com cuidados e esmeros. Mas evitando que o cuidado resvalasse em ternura. Ele era homem. E nós estávamos na escola de ser homens. Os únicos e últimos homens. Recordo que ele me afastava, com firme delicadeza, quando eu o abraçava:

— *Você fecha os olhos quando me abraça?*

— *Nem sei, pai, nem sei.*

— *Não deve fazer isso.*

— *Fechar os olhos, pai?*

— *Me abraçar.*

Apesar do distanciamento físico, Silvestre Vitalício

sempre se cumpriu pai materno, antepassado presente. Eu estranhava tal esmero. Porque esse zelo era a negação de tudo o que ele apregoava. Aquela dedicação só ganhava sentido se houvesse, em algum indescortinado lugar, um tempo cheio de futuro.

— *Mas, pai, nos conte. Como faleceu o mundo?*

— *Na verdade, já não me lembro.*

— *Mas o Tio Aproximado...*

— *O Tio conta muita história...*

— *Então, pai, nos conte o senhor.*

— *O caso foi o seguinte: o mundo acabou mesmo antes do fim do mundo...*

Terminara o universo sem espectáculo, sem rasgão nem clarão. Por definhamento, exaurido em desespero. E assim, vagamente, meu pai derivava sobre a extinção do cosmos. Primeiro, começaram a morrer os lugares e s-fêmeas: as nascentes, as praias, as lagoas. Depois, morreram os lugares-machos: os povoados, os caminhos, os portos.

— *Sobreviveu apenas este lugar. É aqui que vivemos de vez.*

Viver? Ora, viver é cumprir sonhos, esperar notícias. Silvestre não sonhava, nem aguardava notícia. No princípio, ele queria um lugar onde ninguém se lembrasse do seu nome. Agora, ele próprio já não se lembrava quem era.

Tio Aproximado deitava águas na fervura das paternas congeminções. Que o cunhado saíra da